

Eyuphuro

OUTRA VEZ O REMOINHO

por Almro Santos (texto) e

Armando Munguambe (fotos)

ELES voltaram. E de novo fazem o remoinho: deliciosamente calmo e furioso. Como só pode ser um remoinho de Nampula.

Eles voltaram, de facto. E podem, até, ter passado despercebidos. Porque são mais conhecidos no estrangeiro do que no seu próprio país.

De resto, o mérito é todo deles. São os Eyuphuro — remoinho em língua Emakua.

Uma referência etnomusicóloga?

Sim. Uma referência de autodidactismo?

Sim. Eles voltaram, pois. O remoinho.

Os Eyuphuro.

Gimo escreveu uma carta. É que Gimo estava apaixonado por uma muasseta — mulher de bairro.

A mulher sorria-lhe, quando com ele se cruzava nas tardes soalheiras do bairro.

Mas só isso, porque as cartas eram anónimas.

Como podia adivinhar, a muasseta, que Gimo estava apaixonado por ela?

Se calhar porque o amor trai as intenções.

É sempre assim.

Em muasseta que se reencontra o ritmo. O Eyuphuro não pode sobreviver sem aquele ritmo.

É calmo, mas a percussão faz pensar que se pode transformar num remoinho furioso.

O próprio Gimo Remane, sentado comodamente na poltrona de sua casa, em Nampula, é um pouco desse remoinho que se contém.

Ele é uma espécie de autodidacta que transformou o Eyuphuro numa referência de etnomusicologia prática.

Agarra nos ritmos da terra e procura encontrar neles aquilo que se pode valorar. Fala com muita gente. Sorri e acena quando anda pelas ruas de Namoula.

E sempre que se fala da Ilha de Moçambique os olhos brilham.

De resto, é exactamente lá onde o remoinho começou. É o seu berço. Faz lembrar que as monções da China são bastante fortes. Às vezes furiosas.

Porque na Ilha há aquele cruzamento de culturas que toda a gente sabe. Também culturas asiáticas.

«INOMIMADO» DE GIMO

PRIMEIRO não tinha nome. Depois já tinha nome que chegava.

Os Eyuphuro. E Gimo Remane. É a mesma coisa. É como falar de Zena Bacar.

Na verdade, Gimo Remane começou a gravar em 1974. Não sabia que estava a criar, a partir da sua curiosidade, os Eyuphuro.

E até mesmo quando falou com Zena Bacar.

Zena estava, na altura, bastante desesperada.

— Estava doente e de cama — recorda Gimo, entre duas baforadas sófregas do cigarro fumegante.

Para além do mais, Zena estava a atravessar uma crise social que a deixava apática.

Gimo prometeu a Zena Bacar, quando regressaram de Maputo:

— Okey, Zena, vou ajudar-te. Tenho a certeza que daqui a dois ou três anos o grupo vai ser importante. E tu também.

Foi em 1981.

Zena aceitou a ajuda.

E cantou Ophendana.

— "Ophendana" soa a um lamento, Gimo.

— Sim. Mas é uma canção bonita.

É com Ophendana que Zena Bacar se populariza. Num misto de lamento e de uma voz que se arrasta no desespero, Zena introduz, na melodia, a alma que lhe vai no peito.

É o que se sente, aliás, quando se ouve Ophendana.

Gimo Remane vai batendo os pés ao compasso da música.

"Ophendana" soa do seu aparelho com grande fidelidade. É um

"compact disc" e a voz de Zena Bacar é, de facto, um lamento.

— É muito melódica — diz Gimo, sonhadoramente.

A música termina. Gimo prossegue a história dos Eyuphuro.

Em 1983 o grupo foi convidado pela Rádio Moçambique e viaja para Maputo, onde tem a oportunidade de gravar um tema de Salvador Maurício — O Senhor Ranka, e ainda um outro de Zena Bacar, que por aquela altura já se refazia dos seus problemas sociais e começava a acreditar no que Gimo Remane lhe dissera em 1981.

— Falámos com o Américo Xavier — recorda Gimo. Depois, a Rádio Moçambique achou que o grupo podia gravar um álbum, tendo negociado com Salvador Maurício para que o empreendimento se concretizasse.

Só que Salvador Maurício tinha uma viagem para a então União Soviética. Pelo menos uma viagem prevista.

As dificuldades não eram poucas, uma vez que todos eram compositores. Havia uns que tinham mais dificuldades do que os outros em fazer o acompanhamento dos temas propostos.

— Então definimos as prioridades — afirma Gimo Remane.

O Senhor Ranka, entretanto, dominava a parada de sucessos e revelava as potencialidades de uma música perfeitamente investigada no conceito de etno-musicologia adoptada pelo grupo.

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

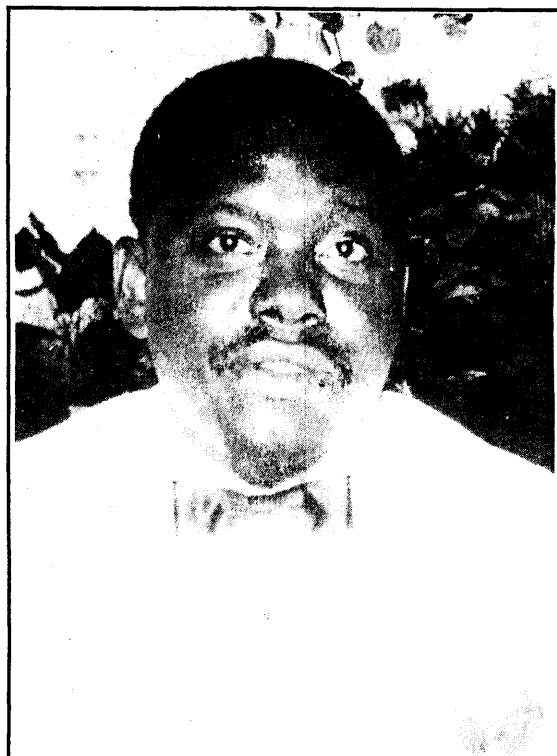
— Sim, mais ou menos um grupo profissional.

E é produto de busca que o grupo encentou logo que chegou a Nampula que lhes é disponibilizada uma sala na Casa da Cultura. É na lúgubre e batiente sala que os Eyuphuro se encontram, discutem os ritmos que cada um vai trazendo e transformam o projecto no desenho daquela referência musical que são hoje os Eyuphuro.

— Começámos a pesquisar a sério os ritmos tradicionais — diz Gimo Remane.

Mas também recorda os momentos tristes de então, quando o chefe da Casa da Cultura contrapõe a disponibilidade do Director Provincial da Cultura — Educação e Cultura, na altura — e dá-nos exactamente 24 horas para nos retirarmos da sua sala. — Cheguei a marcar audiência com o Governador Gundana — afirma

— Sim, mais ou menos um grupo profissional.



«Algumas tradições culturais estão a desaparecer em Nampula» — Gimo Remane

Gimo Remane, para ilustrar o estado de desespero que então se apossou do grupo.

Mas o então Governador de Nampula não estava na cidade.

— Estava em visita a dois distritos, nomeadamente Moma e Angoche.

Não estando o Governador, Gimo Remane recorda que encontrou um amigo que lhe indicou a Ilha de Moçambique.

— Vai à Ilha, Gimo — disse-lhe.

E Gimo Remane foi à Ilha. Afinal, ele nascera na Ilha de Moçambique e o seu regresso não seria mais do que aquilo que faria um guerreiro defraudado, que regressa às origens para buscar a necessária força para combater o mundo inóspito da música.

Na Ilha de Moçambique travou conhecimento com dois suecos e dois dinamarqueses.

Foi numa festa, em que



Esta é uma parte do grupo, fotografado pouco depois de um dos seus integrantes contrair matrimónio



Zena Bacar: com Gimo Remane continuam a ser a razão do remoinho

abrilhantaram o aniversário de um deles. Tocaram música da terra, como, aliás, só o sabiam fazer.

— Ficaram impressionados — diz. E continuam impressionados com a cereira dos Eyuphuro.

Era, também, uma maneira de preencher o vazio que encontramos em Nampula, quando chegámos.

Na ilha de Moçambique os Eyuphuro foram conduzidos por um velho camponês amigo de Gimo Remane, que "também era poeta".

Na ilha, Gimo Remane encontrou uma grande variedade de grupos musicais. Que cantavam e dançavam. Os grupos da ilha cantavam em várias línguas, incluindo o árabe e indiano.

Gimo Remane deu-lhes uma mão e ensinou-lhes a compor as suas músicas, dando-lhes a necessária arrumação, porque as emoções estavam dispersas e era preciso sistematizar os ritmos.

Esse trabalho era pago.

— Mas era um pagamento simbólico — acrescenta.

Na ilha de Moçambique Gimo Remane apreendeu muitas vivências. Reencontrou-se. E aprendeu que havia muita coisa a aprender.

"THE JUMP"

D SALTO era inevitável.

Depois de na ilha se terem reencontrado, os Eyuphuro só poderiam ter a sorte que mereceram. A impressão deixada nos cooperantes suecos resultou no convite que foi endereçado ao grupo para uma viagem à Europa. Holanda, Dinamarca, Suécia e Bélgica.

— Juntei o pessoal — confirma Gimo Remane — e disse-lhes exactamente que havia um convite para irmos à Europa.

Depois disso Gimo Remane viajou para Maputo, onde ficou de acertar os preparativos administrativos da viagem.

Era o primeiro périplo para fora do país. Um périplo que levou os Eyuphuro para Holanda, Suécia, Dinamarca e Bélgica, durante mais de dois meses.

A projecção que o grupo ganhou fora do país foi portentosa. E só ilustra essa conquista os recortes que Gimo Remane guarda carinhosamente nos seus arquivos pessoais.

Ele vai folheando o "dossier Eyuphuro" e mostra recortes de jornais canadianos, suecos, holandeses e franceses.

— Eyuphuro — La musique e la guerre — escrevia um jornal de Quebec, Canadá.

São as glórias irrelatadas dos Eyuphuro. Actuaram junto de Salif Keita e de outros grupos de renome. E nunca deixaram os seus créditos por mãos alheias.

— Quando voltámos a Moçambique a consideração já era outra — recorda Gimo Remane, ajeitando um recorte do seu "dossier".

Os Eyuphuro começaram a encarar a música com uma outra responsabilidade. Como se a viagem à Europa os tivesse feito transpor a porta do amorismo.

ETNO

DÉM do povo. Faz lembrar que do pó veste e para o pó voltarás. Em algum lado eles tinham que ir buscar a inspiração e a sustentação do seu projecto musical.

— Mas agora é difícil — como diz Gimo — porque algumas manifestações culturais estão a desaparecer.

Há uma tendência para se destacar o tufo. E Gimo Remane queixa-se vagamente dessa tendência, uma vez que os outros grupos culturais já começam a sentir-

se discriminados.

— Não sei se é porque o tufo é feito basicamente por mulheres — procura entender Gimo Remane, num monólogo.

Gimo recorda que "naquela altura" — e refere-se aos anos de 1950 — havia mais manifestações culturais, enumerando o kuko, o mikungo e o namahandja.

— O namahandja, por exemplo, era feito em moldes que nos levavam a revisitar conceitos tradicionais.

Gimo Remane lamenta-se. E recorda que agora já não é possível encontrar estas manifestações culturais todas. Exemplifica e diz que às sextas, sábados e domingos eram dias de festa nos bairros de Nampula. Festa de grupos culturais locais.

— A partir de 1978 esse hábito começou a desaparecer. E toda esta preleção para Gimo Remane explicar que agora já é um pouco difícil fazer essa pesquisa, pois essas manifestações espontâneas desapareceram.

O pior, como diz Gimo Remane, é que todas aquelas manifestações ricas não foram escritas. E se não reaparecerem corre-se o risco de não ter ficado nenhum registo delas.

— Há muita coisa que não está gravada — diz Gimo com a amargura atoldar-lhe a voz — também porque a própria rádio não tem iniciativa.

O que ficou registado são as formas estilizadas daquelas manifestações culturais que não foram nem escritas nem gravadas em fita magnética: são as obras dos Eyuphuro inspiradas no exercício emocional dos artesãos da cultura.

UM, DOIS, TRÊS: GRAVAR!

NÃO é fácil.

Quantas vezes já tiveram os Eyuphuro que repetir a

mesma canção no estúdio?

Porque quando os Eyuphuro chegam ao estúdio para um ensaio, instala-se uma espécie de democracia-cúmplice. Há um dado elemento do grupo que apresenta o tema a ser trabalhado.

Não interessa quem. Basta que a composição tenha sido feita. Para já, ela nem é mexida.

Então, cada um dos elementos do grupo vai procurando o tom, o enquadramento do seu instrumento na música. É a pré-composição, ainda na forja e a precisar de todos os ingredientes possíveis.

E deste modo o número é enriquecido com o produto de vivências e pesquisas de cada um dos integrantes do grupo. Tudo para que na canção esteja contida a identidade dos Eyuphuro, que ao fim e ao cabo é a identidade de Nampula, quando o grupo está fora da província, mas dentro de Moçambique; e é a identidade de Moçambique, quando o grupo está no estrangeiro.

Aliás, é o que tem acontecido, normalmente.

Quando em pleno ensaio ninguém consegue "começar", a percussão entra no jogo. O seu compasso inspira o apresentador da composição. E o resto são as violas que fazem a «complementaridade», como diz Gimo Remane, já animado, por essa altura.

A composição não é feita, portanto, por uma única pessoa, e talvez esse facto valorize o conteúdo da própria pesquisa.

Os Eyuphuro são compostos por

nove pessoas. São nove vivências que se reúnem para fazer a canção.

— É uma composição colectiva — afirma entusiasmado Gimo Remane — e é por isso que procuramos ir ao gosto de todas as pessoas.

O PROBLEMA DA CULTURAÇÃO

É MESMO um problema.

Começa na altura em que se constata que os Eyuphuro são

mais conhecidos fora da sua província, entanto que produtores de música pesquisada no "etno".

Para além disso, como é que se explica que o grupo tenha mais projecção no estrangeiro do que no seu próprio país.

Gimo Remane tenta explicar. Procura encontrar uma explicação lógica para o caso.

E argumenta:

— O problema é que em Maputo, por exemplo, as pessoas têm uma outra sensibilidade...

— Um outro ouvido...

— Sim. Para além do mais já há um nível de culturação elevado que permite avaliar uma obra de arte, uma escultura, etc.

E alude, Gimo Remane, ao facto de, a província de Nampula não ter fronteira com nenhum país, muito embora se possa afirmar que a sua zona costeira pode até ser uma porta de entrada de influências. De sensibilidades.

Recorrendo-se ao caso de Maputo, outra vez, Gimo Remane afirma que a capital tem uma grande influência da música sul-africana, exactamente porque tem uma fronteira que separa a província daquele país.

Mas volta, Gimo Remane, a falar da culturação quando aborda o facto de noutros países se apreciar os Eyuphuro mais do que em Moçambique: a mesma questão de nível de sensibilidade.

Para além do mais, adiciona-se o facto de as capacidades financeiras de divulgação estarem concentradas nos países desenvolvidos, uma vez que já existe uma estrutura que vela pela assinatura de contratos e pelo respeito dos direitos do autor.

— Existe também o problema dos jornalistas, que em Maputo estão mais acessíveis a divulgar a música. Faz parte, aliás, da política editorial de cada órgão de informação.

Gimo Remane defende que o trabalho de divulgação pode incentivar os músicos.

AS FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO

NÃO existem, para Gimo Remane.

A língua não é importante para se transmitir a mensagem. E a mensagem vem contida na música, na maneira de tocar e de mimificar.

Acontece que cantando em língua Emakua, pode a mensagem dos Eyuphuro não ser entendida em Maputo. E ainda muito menos no Canadá, por exemplo.

Mas Gimo já pensa de uma maneira diferente, porque senão, como se explica que o público escandinavo tenha nos Eyuphuro os intérpretes da música ligeira moçambicana plus extraordinaire?

— Temos um critério muito bom — revela Gimo a propósito — depois dos concertos que fizemos na Europa.

Assim, para Gimo é importante transmitir a mensagem através da mímica. Não sendo deste modo, ele, o público, terá que gostar da melodia. — Até porque trabalhamos para isso.



Gimo e esposa: um matrimónio que não acabou com a carreira do músico. Pelo contrário: «nunca me farto de ouvir a música dos Eyuphuro» — afirma a esposa



De forte influência islâmica, a população de Nampula não reage.

Gimo Remane conta que é preciso provocar as pessoas nos seus espectáculos daquelas na província, precisamente para que o público extravase as suas emoções. As suas manifestações.

— Para que eles não reajam com um dia de atraso — diz Gimo com um meio sorriso a brilhar-lhe no rosto.

BATERIA E SAX

A MÚSICA dos Eyuphuro é assim mesmo. Dispensada a bateria e reforçada a

percussão, o grupo pensa agora introduzir o sax.

E não é porque a sua música não está devidamente preenchida, mas porque há espaços que precisam de instrumentos de sopro.

Talvez, também de uma flauta.

— Nós não precisamos de bateria neste momento — garante Gimo Remane.

É a tal coisa de a música estar devidamente preenchida, tal como ela é feita.

Porque a música que os Eyuphuro estão a tocar é em contra-tempo. Quer dizer que Gimo Remane cuida da percussão e os seus dois companheiros — que tocavam "música ocidental" já há bastante tempo — entram em contra-tempo para com ele.

É uma operação interessante. Que resulta exactamente num remoinho. Num Eyuphuro.

Opinião

O homem do "bricolage"

(Procurando refutar a avaliação a que tem sido sujeita a realidade negra, a Negritude adoptou a tradição maniqueísta do pensamento europeu, aplicando-a a uma cultura que é radicalmente não maniqueísta... Wole Soyinka)

WOLE Soyinka que vá conhecer os Eyuphuro. Desnecessitam de uma bateria. Arrancam aquilo que vem das festas dos bairros, onde há "muassetas" a valer.

E cantam o povo, a sua raiz.

São os artesãos da cultura. Do "bricolage".

Por isso, Wole Soyinka pode estar sossegado, porque o "pensamento europeu" não está aplicado na cultura — a nossa — que é radicalmente não maniqueísta.

"Pishianrima" é a última produção dos Eyuphuro. E eles confirmam a mesma tendência "etno" em que apostaram, no seu regresso, depois de um ano de paragem. Actuaram exactamente no dia 25 de Junho, em Nampula.

Gimo Remane gritou "mama", no pavilhão do Ferrolário de Nampula. E foi o espectáculo.

Os Eyuphuro já têm três álbuns, gravados no Canadá, Portugal e Inglaterra. E é impressionante encontrar um "CD" dos Eyuphuro, longínquo Quebec, como o mais caro da discoteca. Exactamente 33 dólares.

Este é o mercado ainda por descobrir. Ou se descoberto, não se reflecte directamente na condição dos músicos, em razão das dificuldades que ainda enfrentam.

Gimo Remane fala de João Cabaço, dos Gôrwane, do Alambique, de José Barata, do Marrabenta Moçambique, do RM e de tantos outros artesãos da cultura, e pensa que não estão a ser devidamente apoiados, porque senão, já existiria essa instituição musical que a todos faz falta.

Nem que seja para contrariar ainda mais Wole Soyinka.

Almiro Santos